

Não excludo a hipótese de haver indivíduos, tanto das chamadas esquerdas como das direitas, crentes, convictos de que a maneira de resolver os problemas sociais, seja, apenas, eficaz e possível - dada a cegueira irredutível dos seus adversários - através da força e da violência. E, na mesma ordem de ideias, admito que muitos extremistas de tendências opostas, tenham, naquele Maio de 68, operado em conjunto e, de mãos dadas, incendiado veículos, partido vitrinas e destruído estabelecimentos.

Todavia, o comportamento que, mediante o desenrolar dos acontecimentos, mais claramente se manifestou, foi a ausência de qualquer preocupação de carácter social ou político.

A meu ver a grande maioria dos indivíduos, jovens estudantes que participaram em tais agressões, não foram motivados por qualquer ideal. Tratava-se de aproveitar o momento dum confronto entre interesses insatisfeitos e de dar largas a impulsos de afirmação pessoal, normalmente muito apreciados pela juventude.

Como observador do procedimento da fracção estudantil, residente na Cidade Universitária de Paris, julgo poder afirmar que dentre aqueles participantes, colegas e conhecidos meus - e não só os de nacionalidade portuguesa - por curiosidade minha questionados, me confessaram o seu alheamento de qualquer causa ou intenção que não fosse a procura da sua ostentação e promoção individual.

Ora, a cobertura jornalística, o espectáculo televisivo é, hoje, a via única, o prestígio de que, de modo mais ou menos corrupto, somos todos atraídos. Para quê procurar outras razões, justificar de outro modo o Maio de 68, ou esconder esta preocupante realidade?

Cascais, 8 de Novembro de 2007.

* Artista plástico.